

O DISCURSO ANTIVACINISTA E A REVOLTA DA VACINA: A RETÓRICA POSITIVISTA E A OPOSIÇÃO NOS JORNAIS CARIOCAS

João Pedro Gomes Balanco¹

1. Introdução

Entre os dias 10 e 16 de novembro de 1904 eclodiu o episódio histórico conhecido como Revolta da Vacina. Seu estopim foi a divulgação da lei que promovia a obrigatoriedade da vacina antivariolosa, mas deve-se compreender a irrupção popular e os acontecimentos desta semana na chave do projeto de modernização da cidade do Rio de Janeiro encabeçada pelo presidente paulista Francisco de Paula Rodrigues Alves (CHALHOUB, 2017). Segundo Jaime Benchimol (2006), o motim popular composto por forças sociais heterogêneas é motivado pelas medidas pautadas pelo “embelezamento” e “saneamento”.

Em relação à obrigatoriedade da vacina, a Igreja e Apostolado Positivista desde o período monárquico se estabeleceu como uma ferrenha oposição através de folhetos publicados pela gráfica própria, ou por meio de publicações no *Jornal do Commercio*. Conjuntamente havia o jornal *Correio da Manhã*, dirigido por Edmundo Bittencourt. Em contraponto, o jornal *O Paiz* apoiava a vacinação obrigatória e o governo de Rodrigues Alves (CARVALHO, 2019). Nelson Werneck Sodré (2002) caracteriza esses dois últimos jornais da seguinte forma: “A imprensa revela com clareza os traços desse quadro: ele se tipifica, às vezes, no ferrenho oposicionismo, de extrema virulência, do *Correio da Manhã*, de um lado, e de extremo servilismo de *O País*, de outro lado”. (SODRÉ, 2002, p. 278).

Dada a exposição anterior, pretende-se explicitar e indicar a existência de um vocabulário comum na oposição, a fim de demonstrar pontos centrais do que seria um *contexto linguístico do discurso antivacinista*. Mas além disso, também será analisada a disputa no campo retórico pelos termos, o modo como eles foram mobilizados pela oposição representada pelo *Correio da Manhã* e a Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, em especial os textos de Raimundo Teixeira Mendes e Joaquim Bagueira Leal, e a situação incorporada no *O Paiz* e em publicações do Instituto Vaccinico. A referência teórica central é Quentin Skinner e as suas proposições metodológicas sobre o significado e a compreensão de um texto, bem como sua explanação sobre as estratégias retóricas.

¹ O presente trabalho trata-se de uma exposição dos resultados parciais de uma Iniciação Científica em andamento, sob orientação do Prof. Dr. Bernardo Ricupero. A pesquisa é financiada pela FAPESP, processo nº 2022/02704-4, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Uma hipótese levantada é que o termo “hygiene” utilizado e institucionalizado pelo governo, passa por uma tentativa de instrumentalização retórica: *procura-se alterar o seu sentido ao ser apropriado pela oposição, tornando-se crítico às medidas sanitárias.*

2. As contribuições de Quentin Skinner

No intuito de investigar a disputa retórica e examinar o vocabulário corrente empregado pela oposição, mobilizamos os pressupostos teóricos e metodológicos de Quentin Skinner. Este explicita que para o entendimento dos textos deve-se pressupor a compreensão das intenções de seus autores: “Precisamos, assim, concentrar-nos não só naquilo que as pessoas estão dizendo, mas também naquilo que estão fazendo ao dizê-lo” (SKINNER, 2017, p. 390). Portanto, a investigação não se encerra nos textos, é necessário reconstruir o contexto intelectual e linguístico em que os atores políticos estão inseridos. Como delineia James Tully (1988, p. 9), para compreender um texto é necessário situá-lo em seu contexto linguístico e ideológico, investigar outros textos que compartilham de convenções, e se endereçam as mesmas ou semelhantes questões. Em nosso caso, a pesquisa se esforça em reconstruir o *contexto linguístico do discurso antivacínista*, com o intuito de localizar e mapear as convenções linguísticas e o vocabulário normativo compartilhado no debate.

Especificando o que podemos indicar como um contexto linguístico do discurso antivacínista, um dos elementos comuns dessas colunas é a defesa das liberdades individuais. É possível observar um vocabulário comum no jornal *Correio da Manhã* ao se referir às medidas sanitárias, alguns deles como: “despotismo”² ou “despotismo sanitário”³, “tyrannia”⁴, “escravidão sanitária”⁵, “hygiene oficial”⁶. Esses usos linguísticos também podem ser verificados no vocabulário do Apostolado, a exemplo do livro *Despotismo sanitário perante a medicina* (1901) de Joaquim Bagueira Leal; neste o termo que dá título ao livro é articulado com o intuito de ressaltar as liberdades cívicas e espirituais com as quais as medidas sanitárias se chocariam. Tem papel semelhante o termo “hygiene oficial” no folheto “Higiene oficial e

² O CONGRESSO e o povo. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 06 de novembro de 1904. Anno IV, n. 1242, p. 1. Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1901 a 1909 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em: 10/01/2022.

³ VIDAL, Gil. O despotismo sanitário. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 14 de março de 1904. Anno IV, n. 1005, p. 1. Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1901 a 1909 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em: 10/01/2022.

⁴ LUNA, Gaspar de. O Código de Torturas III. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1904. Anno IV, n. 1155, p. 2. Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1901 a 1909 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em: 10/01/2022.

⁵ VIDAL, Gil. Escravidão Sanitaria. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 26 de julho de 1904. Anno IV, n. 1139, p. 1. Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1901 a 1909 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em: 10/01/2022.

⁶ FILHO, Brício. Vacinação Obrigatória. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 02 de novembro de 1904. Anno IV, n. 1238, p. 1. Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1901 a 1909 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em: 10/01/2022.

a verdadeira higiene” (1908) de Teixeira Mendes. Também é recorrente o emprego do termo “tyrannia vaccinica”⁷ nas publicações no *Jornal do Commercio*.

A outra dimensão fundamental da pesquisa é no campo da disputa retórica empreendida nos jornais cariocas. Neste escopo, Quentin Skinner (2001) analisa as estratégias possíveis de se adotar para gerar o efeito ilocucionário de persuadir e convencer o seu leitor a enxergar de outro modo um ponto de vista moral. A manipulação retórica dos termos permite que as sociedades legitimem ou questionem sua identidade moral (SKINNER, 2001, p. 149). O autor elenca duas estratégias retóricas, a primeira consiste na “manipulação do ato de fala potencial de certos termos valorativos” (SKINNER, 2001, p. 151, tradução livre)⁸. Através dessa estratégia, pode-se inserir novos termos na linguagem, ou também manipular termos existentes, transformando-os em neutros ou favoráveis ao ponto de vista moral e ideológico. A segunda estratégia consiste em “manipular os critérios para aplicar um conjunto existente de termos elogiosos” (SKINNER, 2001, p. 153, tradução livre)⁹. Isto é, a aplicação de termos favoráveis para a descrição do próprio comportamento que é aparentemente questionável. É também desenvolvida por Skinner a técnica da *paradiástole*, ou redescrição retórica, que se dá pela descrição de uma ação ou estado de coisas mobilizando um termo valorativo que não seria comumente utilizado. O intuito é colocar o comportamento descrito sobre um novo ponto de vista moral, o efeito que busca é a persuasão e legitimação do comportamento.

3. *Higiene em disputa: os usos retóricos nos jornais cariocas*

Durante o primeiro ano de pesquisa, nos debruçamos na análise documental dos jornais cariocas no ano de 1904. A mobilização retórica foi analisada em quatro prismas de discussão: a) sobre a higiene e como seu termo foi apropriado pela oposição; b) o questionamento sobre a eficácia da vacina e o cerceamento das liberdades individuais; c) descrição das discussões na Câmara; d) o modo que foi realizada a descrição da irrupção popular.

Sobre a discussão da higiene, o termo foi institucionalizado pelo governo, as medidas sanitárias carregavam a “moderna concepção de hygiene”, como explicitado no jornal *O Paiz*, e seus desdobramentos práticos necessitavam da concessão das liberdades individuais pelo bem coletivo¹⁰. Em contraponto a essa busca por legitimação das ações governamentais, a

⁷ MENDES, Teixeira. A propósito da reacção popular contra a vacinação obrigatória. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1904. N° 217. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/>. Acesso em: 13/01/2022.

⁸ No original: “[...]manipulating the speech act potential of certain evaluative terms.”

⁹ No original: “[...] manipulating the criteria for applying an existing set of commendatory terms.”

¹⁰ A QUESTÃO da vaccina. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 29 de agosto de 1904. Anno XX, n. 7265, p. 1. Disponível em: [O Paiz \(RJ\) - 1900 a 1909 - DocReader Web \(bn.br\)](http://bndigital.bn.gov.br/). Acesso em: 10/01/2022.

oposição se *dedicou* em reverter o ato de fala potencial, associando o termo valorativo “higiene” em algo negativo e danoso para a população. Pode ser identificado o uso de termos como “higiene oficial” para se referir e distanciar das medidas defendidas pelo governo, além de descrever as ações invocando questões morais como a liberdade e a família. Principalmente na série de colunas “Proezas da Higiene” veiculada no *Correio da Manhã*, que denuncia truculência das medidas sanitárias acompanhado de relatos de invasão do lar: “Maldita higiene essa que, para matar epidemia, precisa ter como trophéos erquifes de creanças e lagrimas maternas!” (PROEZAS DA HYGIENE, 1904)¹¹.

O questionamento da eficácia da vacina é outro ponto central de discussão, nos exemplos analisados observa-se a tentativa de Bagueira Leal de associar a vacina ao “envenenamento forçado” e estigmatizá-la por sua origem animal¹². Em contrapartida, o Instituto Vaccinico descreve a vacinação como algo delicado e seguro¹³. Ambas as posições buscam legitimar seu comportamento através da técnica de redescrição retórica, a vacinação é vista sob dois pontos de vista ideológicos. A redescrição retórica também pode ser constatada na forma de descrição do motim popular conhecido como Revolta da Vacina. Enquanto que no jornal *Correio da Manhã*, o motim popular foi aclamado como resistência do povo aos desmandos do governo, caracterizado como covarde e antipatriótico¹⁴. No jornal *O Paiz* a revolta foi caracterizada artificial e fomentada por Lauro Sodré, os insurgentes foram tratados como arruaceiros que queriam a desordem e desmoralização do país¹⁵.

4. Conclusões parciais

Em conclusão, a presente pesquisa teve como objetivo demonstrar, a partir das contribuições de Quentin Skinner, um vocabulário comum no discurso antivacineiro e analisar as estratégias retóricas mobilizadas no debate sobre a obrigatoriedade da vacina antivariólica no ano de 1904, em que eclodiu a Revolta da Vacina. Ao analisar a disputa pelos termos e a legitimidade, inserimos as questões a partir das lentes tanto dos favoráveis – *O Paiz* e Instituto

¹¹ PROEZAS da Higiene. “Proezas da Higiene”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 26 de julho de 1904. Anno IV, n. 1139, p. 4. Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1901 a 1909 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em: 12/01/2022.

¹² LEAL, B. O papel da glicerina na vacina. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1904. Nº 221. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/>. Acesso em: 20/10/2020.

¹³ INSTITUTO Vaccinico. “Instituto Vaccinico”. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 08 de agosto de 1904. Anno 84, n. 220, p. 1. Disponível em: [Jornal do Commercio \(RJ\) - 1900 a 1909 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em: 12/01/2022.

¹⁴ VACCINAÇÃO obrigatória: reação do povo. “Vacinação obrigatória: reação do povo”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1904, Anno IV, n. 1250, p. 1 Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1901 a 1909 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em: 12/01/2022.

¹⁵ APELLO ao Povo. “Apello ao Povo!”. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1904. Anno XXI, n. 7342, p. 1. Disponível em: [O Paiz \(RJ\) - 1900 a 1909 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em: 13/01/2022.

Vaccinico – a vacinação obrigatória, quanto da oposição verificada no *Correio da Manhã* e a IAPB.

É importante salientar que até o momento focalizamos na disputa retórica empreendida nos jornais cariocas, porém há um universo profícuo que se estende em mais de 30 anos de publicações ligadas às questões sanitárias, que são os folhetos da IAPB. Há muito de se explorar, especialmente em uma análise longitudinal as diferenças de abordagens entre os membros da IAPB, destaca-se os seguintes nomes: Miguel Lemos, Raimundo Teixeira Mendes, Joaquim Bagueira Leal, Jaime Silvado, F. J. Viveiros de Castro. Dos jornais para os folhetos, reside uma grande diferença da natureza dos textos. Nos jornais, a IAPB via a necessidade de intervir nos debates em curso com maior agilidade, sendo que muitas vezes a publicação no jornal precedia do folheto (PEZAT, 2007). Além de que é válido pontuar a presença nos jornais de publicações que não foram editadas posteriormente pela gráfica da IAPB. Desse modo, há espaço para estudar comparativamente essas diferentes maneiras de publicação.

Referências bibliográficas

- A QUESTÃO da vacina. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 29 de agosto de 1904. Anno XX, n. 7265, p. 1. Disponível em: [O Paiz \(RJ\) - 1900 a 1909 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em: 13/01/2022.
- BENCHIMOL, J. “Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro”. In: FERREIRA, J. & DELGADO, J. **O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, pp. 231-287;
- FILHO, Brício. Vacinação Obrigatoria. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 02 de novembro de 1904. Anno IV, n. 1238, p. 1. Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1901 a 1909 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em: 10/01/2022
- CARVALHO, J. M. de. **Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019;
- CHALHOUB, S. **Cidade Febril: Cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017;
- INSTITUTO Vaccinico. “Instituto Vaccinico”. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 08 de agosto de 1904. Anno 84, n. 220, p. 1. Disponível em: [Jornal do Commercio \(RJ\) - 1900 a 1909 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em: 12/01/2022;
- LEAL, B. **O despotismo sanitário perante a medicina**. Rio de Janeiro: Apostolado Positivista do Brazil, 1901;
- LEAL, B. O papel da glicerina na vacina. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1904. N° 221. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/>. Acesso em: 20/10/2020;
- LUNA, Gaspar de. O Código de Torturas III. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1904. Anno IV, n. 1155, p. 2. Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1901 a 1909 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em: 10/01/2022;
- MENDES, R. T. **Higiene Oficial e a verdadeira higiene**. Rio de Janeiro: Apostolado Positivista do Brazil, 1901;

- MENDES, Teixeira. A propósito da reacção popular contra a vacinação obrigatória. **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1904. Nº 217. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/>. Acesso em: 13/01/2022;
- O CONGRESSO e o povo. “O Congresso e o povo”. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 06 de novembro de 1904. Anno IV, n. 1242, p. 1. Disponível em: Correio da Manhã (RJ) - 1901 a 1909 - DocReader Web (bn.br). Acesso em: 12/01/2022;
- PEZAT, P. R. “O positivismo religioso no Brasil: apóstolos, confrades e simpatizantes”. In: TRINDADE, H. (org.). **O positivismo: teoria e prática**. Sesquicentenário da morte de Augusto Comte. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007, p. 271-306;
- PROEZAS da Hygiene. “Proezas da Hygiene”. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 26 de julho de 1904. Anno IV, n. 1139, p. 4. Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1901 a 1909 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em: 12/01/2022;
- SKINNER, Q. Significado e interpretação na História das Ideias. Tradução de Marcus Vinícius Barbosa. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 358-399. jan/abril. 2017. Tradução de Meaning and Understanding in the History of Ideas. In: SKINNER, Quentin. *Visions of Politics*. London: Cambridge University Press, 2001, vol. 1, cap. 4, p. 57-89;
- SKINNER, Q. "Retrospect: Studying rhetoric and conceptual change". In: SKINNER, Q. **Visions of Politics**. Londres: Cambridge University Press, 2001, pp. 175-188;
- SKINNER, Q. "Moral principles and social change". In: SKINNER, Q. **Visions of Politics**. Londres: Cambridge University Press, 2001, pp. 145-158;
- SODRÉ, N. V. **História da imprensa do Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, 501p;
- VIDAL, Gil. Escravidão Sanitária. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 26 de julho de 1904. Anno IV, n. 1139, p. 1. Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1901 a 1909 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em: 10/01/2022.
- VIDAL, Gil. O despotismo sanitario. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 14 de março de 1904. Anno IV, n. 1005, p. 1. Disponível em: [Correio da Manhã \(RJ\) - 1901 a 1909 - DocReader Web \(bn.br\)](#). Acesso em: 10/01/2022.
- TULLY, J. “The pen is a mighty sword: Quentin Skinner’s analysis of politics”. In: TULLY, J. (ed.) **Meaning and context: Quentin Skinner and his critics**. New Jersey: Princeton University Press, 1988.